

Affredo

F. de Castro

1.ª serie

1 DE AGOSTO DE 1892

N.º 8

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

Estudos sobre o orientalismo.....	<i>Dr. Abalè Learden</i>
No perigo (poesia).....	<i>Mattos Ferreira</i>
Unidade da especie humana.....	<i>José Pereira da Costa</i>
O anjo do lar (poesia).....	<i>Albano Bellino</i>
Um infeliz.....	<i>Henrique Gomes</i>
Influencia social do culto á SS. Virgem....	<i>P.º Antonio Hermano</i>
Notas e impressões.....	<i>Bruno d'Almeida</i>
Cartas d'um impio.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Gazetilha na 4.ª pag. da capa.....	<i>Ahmedec</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 1,5000 reis.—N.º avulso 250 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.
As obras litterarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

Alunos **DISTINCTOS** pela frequencia (1)

Elementar

José Martins Gomes, de *Santo Thyrso*.
Manoel José Martins, de *Santo Thyrso*.

Admissão

Manoel Francisco Sol, de *Bouças*.
Arnaldo Vieira Neves da Cruz, da *Maia*.
Alfredo Lopes de Mattos Chaves, de *Guimarães*.
Albano José Peixoto, de *Felgueiras*.
Antonio Maria do Amaral e Freitas, de *Guimarães*.
Alberto Machado de Sampaio Bastos, de *Guimarães*.

Portuguez e Francez

Albino d'Azevedo Maia, da *Maia*.
José Lourenço de Vasconcellos, do *Marco de Canavezes*.

Geographia

Albano Gustavo Mesquita Cirne, de *Santo Thyrso*.
Alberto Novaes da Costa Leite, da *Lira*.
Carlos Ribeiro Borges, do *Porto*.

Inglez

Albano Gustavo Mesquita Cirne, de *Santo Thyrso*.
Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, de *Louzada*.

Historia

Luiz Augusto Rebello da Silva, de *Braga*.
Avelino Augusto Vieira Pinto, de *Barrosas*.
Francisco da Silva Miranda Guimarães, de *Felgueiras*.
Basilio Augusto Vieira Pinto, de *Barrosas*.

Mathematica

Antonio da Fonseca Pereira Guimarães, de *Felgueiras*.
Luiz Augusto Rebello da Silva, de *Braga*.

Physica

Antonio da Fonseca Pereira Guimarães, de *Felgueiras*.

Desenho

Avelino Augusto Vieira Pinto, de *Barrosas*.
Victorino Simões Lopes Sampaio, de *Vizella*.
Aureliano Armindo d'Almeida Soares Leite, de *Fafe*.
Basilio Augusto Vieira Pinto, de *Barrosas*.

(1) Estes alumnos eram dignos de *distincção* pelas provas de adiantamento que deram durante o anno; mas os resultados dos exames nem sempre correspondem aos meritos dos examinandos. E' lhes devida esta pagina honorifica.

CRENÇA & LETRAS

ESTUDOS SOBRE O ORIENTALISMO

Critica da originalidade do mysterio da Trindade

(Continuado do n.º 6)

C) *Egyptologia.*

Os segredos, que as inscripções egypciacas envolviam em seus enigmaticos hieroglyphos, começaram a patentear-se, ainda ha pouco tempo, graças aos esforços do governo francez.

Foi Bonaparte que promoveu este estudo, quando comandava a celebre campanha do Egypto (1798-1800).

N'essa mesma campanha encontravam-se os mais distinctos membros do Instituto, que se dignaram acompanhar o grande general francez, para assim melhor poderem estudar as inscripções egypctologas no mesmo logar em que tinham sido descobertas. N'esta occasião os membros do Instituto chegaram a consolidar um conhecimento bastante completo do Egypto antigo e moderno, como se pode ver dos nove volumes in-f. da «*Description de l'Égypte*», que saíram a lume de 1809 por diante, a expensas do governo francez, extremamente empenhado em mostrar ao mundo inteiro a civilisação dos Pharaós egypciacos.

Apezar dos trabalhos do Instituto de Paris, sempre secundado pelo governo francez, as inscripções permaneceram indecifravéis até 1799, epocha verdadeiramente memoravel em que o celebre *hierogramatta* João Francisco Champoleão, «*grand maître hieroglyphique*», na phrase de Brugsch encontrou em Rosetta uma inscripção, que lhe permittiu descobrir a clave dos mysterios, que tinham sido sepultados no aprazivel valle do Nilo, n'esses tempos gloriosos em que o,

Egypto patenteava ao mundo conhecido todo o esplendor da arte, da sciencia e da religião (1).

João Francisco Champoleão Junior nasceu em Figeac (Lot) a 1790 e morreu aos 42 annos d'idade, deixando na historia do Orientalismo um nome superior a todos os que já são dignos de muita admiração.

Dirigido a principio por seu irmão mais velho, frequentou o lyceu de Grenoble, onde já se entregou corajosamente ao estudo das linguas orientaes; animado pelos conselhos de Fourier, prefeito de Isère, occupou-se especialmente do copta. (2) Voltou a Paris em 1807, começando a trabalhar incansavelmente no collegio de França e nas bibliothecas de Paris, guiado sempre por Sacy, Millin, Langlès, Chézy e por muitos outros.

Taes progressos ia realisando que dentro em pouco Paris era pequena area para bem se espriaiar o seu nome.

Professor-addido de historia na faculdade de Grenoble, em 1809 começou a publicar o resultado dos seus estudos sobre a lingua egypcia; perdeu o seu emprego de 1815 a 1818.

Em 1824 foi encarregado pelo governo de visitar os museus de Egyptologia em Turin, Roma e Livourne; creou o de Paris de que foi director, e, protegido por Blacas, visitou o Egypto em 1828 e 1829.

Eleito membro do Instituto em 1830, foi nomeado um anno mais tarde professor da cadeira de Archeologia, que expressamente tinha sido fundada para elle reger.

(1) Ficamos surprehendidos ao ver, na importante obra de Albert de Rochas *Les Origines de la Science et ses premières applications*, pag. 28-51, o extraordinario adiantamento dos conhecimentos humanos no Egypto.

(2) A lingua copta, fallada até ao século 17, pela analogia que tinha com a egyptologia forneceu valiosissimo auxilio a Champoleão, como diz Vigouroux, obr. cit.

No século 16 e 17 começou o copta a ser estudado na Europa. Um padre jesuita, o sabio Athanasio Kircher (1602-1680) fundou os estudos coptas publicando o livro *«Lingua aegyptica restituta sive institutiones grammaticales et lexicon copticum»*. Chegou mesmo a reunir muitos escriptos do copta. O dinamarquez Jorge Zoega (1755-1809), protestante converso, a expensas dos Pontifices, imitou-o.

Foi tal o ardor com que se entregou ao estudo da lingua egypciaca que, ainda á hora da morte, acabava de dictar a sua importante *Grammaire égyptienne*.

Poderemos synthetisar as descobertas do grande *hierogrammatta* francez do modo seguinte: começou a decifrar a escripta hieroglyphica, servindo-se principalmente da lingua copta; affirmou e demonstrou, que os egypcios empregavam simultaneamente as diversas especies de signaes: os *hieroglyphos*, escripta sagrada representando objectos e ideas, a escripta *hieratica*, que é uma simplificação da hieroglyphica, a *phonetica* que representa os sons, como nas outras linguas.

Fallando de Champoleão não podemos deixar de nos referir aos dois grandes documentos de que a Providencia permittiu que elle se servisse. Referimo-nos á inscripção *bilingue de Rosetta* e á de *Phila*.

A *bilingue de Rosetta* é uma pedra de basalto egypcio ou de granito negro, mediando 2 pés de altura e 3,5 de largura, infelizmente incompleta.

Encontrada por um soldado francez, acha-se actualmente no primeiro museu da Europa, no *British Museum* de Londres.

Em cada uma das faces está uma inscripção em trez linguas differentes, linguas separadas por dous riscos que formam tres columnas. As linguas são: a *hieroglyphica*, a *demotica* e a *grega*, em 54 linhas.

Appareceu mais tarde em *Phila* outro documento egypcio-hieroglyphico-grego, que muito concorreu para o bom resultado dos trabalhos de Champoleão.

Com estes preciosissimos dados pouco poderia conseguir qualqaer orientalista, que não possuísse a intuição de genioque tanto caracteriza Champoleão.

Por uma coincidência, no texto grego da inscripção de Rosetta encontrava-se o nome de *ΗΤΟΔΕΜΑΙΩΝ* e no de *Phila* o de *ΚΑΕΘΙΛΤΡΑ*; havia por conseguinte seis lettras communs *ΗΤΟΔΕΑ*.

Lembrou-se Champoleão, por uma d'estas inspirações geniaes, que cada imagem hieroglyphica podia corresponder

alfabeticamente ao som da letra por que começava o nome egypciaco do objecto representado; assim, exemplificativamente, admittiu que a figura d'uma aguia —  — representava o valor de *a*.

Com estes princípios, simplesmente hypotheticos, comparou a pedra de Rosetta com a de Phila e encontrou a mais completa confirmação das suas doutrinas.

Animado com este felicissimo resultado do seu estudo continuou a dedicar-se á comprehensão da egyptologia, constituindo-a scientificamente em innumeradas obras.

Ao lermos a *Histoire Ancienne des peuples de l'orient*, de Maspero, ficamos surprehendidos com a attenção que actualmente está despertando o estudo das linguas egypciacas. Na França é Carlos Lenormant e Nestor de Hote, Maspero e Rougé, Sauley e Mariette, Chabas e Devéria, Horrak e Pierret; na Italia Salvolini, Rosellini e Ungarelli; na Hollanda Leemans e Pleyte; na Inglaterra Osburn, Birch e Hincks; na Allemanha Lepsius etc.

Apezar do incansavel Champoleão e dos seus successores, a lingua egypciaca não está perfectamente conhecida; não podemos admittir como verdadeiro, sem restricção alguma, tudo o que muitas vezes os egyptologos julgam lêr nas suas inscripções.

D) *Indiologia.*

Com certeza, de todas as regiões orientaes, cuja interpretação philologica temos examinado, a India é a mais importante. E' para lamentar que espiritos imminentes e trabalhadores incansaveis, como Harlez e Burnouf, se tenham applicado, quasi exclusivamente, ao estudo dos livros persas desprezando um pouco os indianos. Com isto não queremos dizer que o estudo da indiologia esteja completamente descurado. Se, por exemplo, Harlez de preferencia se tem applicado ao estudo do Avesta nem por isso tem desprezado completamente os Vedas. E' assim que hoje possuímos o livro do cranista de Louvain *La bible dans l'Inde*, que é uma rapida analyse dos trabalhos de Jacolliot.

Como não temos documentos indispensaveis para traçar, ainda que mui rapidamente, a historia abreviada da indologia, e como algures promettemos caracterisar o valor de Jacolliot como orientalista, n'esta secção, que abrimos simplesmente por amor da unidade de plano traçado no principio do prefacio, vamos dizer o que o mundo scientifico pensa a proposito de Jacolliot.

Harlez, quando publicou a sua refutação da *bible dans l'Inde* de Jacolliot, recebeu uma missiva d'um sabio illustre de França que lhe dizia: *Comment pouvez-vous perdre un temps précieux à vous occuper d'un si triste sire?*» O mesmo Harlez chama-lhe *charlatan*; Angelo de Gubernatis, da escola mythica de Strauss, denomina-o — *credulo-sognatore*; Broglie cognomina-o: *homem de ignorancia e má fé reconhecidas*.

Que credenciaes.....

E) *Eranologia*.

Se ha estudos em que se encontrem muitas difficuldades e por vezes insuperaveis é incontestavelmente nos que se referem á religião do Eran. Além dos obstaculos communs á comprehensão de todas as religiões orientaes, a interpretação do *Zend-Avesta* apresenta-nos outros especiaes. Em primeiro logar, o commentador do Avesta encontra-se com a novidade do idioma, que não conhece senão por trabalhos muito elementares e pouco scientificos, cuja lexicographia se reduz a alguns ensaios muito incompletos. Se a estas circumstancias juntamos a consideração de que elementos heterogeneos: historicos, doutrinaes, de caracter epico, lyrico, philosophico e lithurgico formam o conteúdo do *Zend-Avesta*, se nos não esquecemos de que muitos commentarios (1) ao *Zend-Avesta* passaram a fazer parte do

(1) O texto do Avesta escripto em Zend foi confiado a sacerdotes indolentes, que desconheciam a lingua em que elle estava escripto. No tempo dos reis Sasanidas já os sacerdotes não comprehendiam o Zend e serviam-se da traducção pehlvi nas cerimoniaes religiosas.

Os livros de Zaratusthra estavam entregues a copistas indolentes, que ingeriam no texto as reflexões que julgavam necessarias e que se atreviam a alterar a propria constituição e construcção das palavras.

texto com o decorrer dos tempos, tornando por vezes impossível a comprehensão do livro, subirá de ponto a difficuldade d'este estudo.

A reunião dos commentarios ou Zend (*aclaraciones-Ayuso*), introduzidos na primitiva escriptura sagrada de Ahuramazda ou Avesta e do supercommentario ou Pazend, que tenta explicar o Zend do Avesta, chama-se Zend-Avesta.

A' difficuldade e avidéz do trabalho correspondeu o apparecimento de verdadeiros talentos, robustecidos pelo estudo aturadissimo da religiãõ da Persia. Além de Thomas Hyde (*veterum persarum, et magorum, religionis historia*, Oxford —1700) e de Anquetil du Perron (1), que publicou uma traducção do Zend-Avesta (Pariz 1771, 2 vol. in-4), e do Boundeshesh, livro que encerra as mais preciosas tradições da Persia, gozam de nome muito consideravel Eugenio Burnouf, Spiegel, Haug etc.

Na ordem chronologica successor de Rask, (2) Eugenio Burnouf, de uma habilidade extrema para expor com methodo aquillo que sabia e tinha descoberto, tomou as bases de que se tinha servido Anquetil e publicou um commentario analytico-critico do Zend-Avesta. E' d'um valor extraordinario o seu commentario ao Yaçna (1883). Analysou de tal modo o nono capitulo d'este livro, que, por vias inacessiveis á maioria das intelligencias, chegou a fixar os significados de muitas palavras e a determinar a sua significação. Dos trabalhos de Burnouf se serve bastantes vezes Bopp na sua *Grammaire comparée*.

(1) O merito de Anquetil du Perron nem é tão extraordinario como alguém julga, nem tão diminuto como pensam os inglezes. E' verdade que a sua traducção do Zend-Avesta, na opinião de Haug, não possui uma só linha em que se não encontre um erro, especialmente nos hymnos Gôthás; é certo que na sua introducção ao Zend Avesta se encontram lendas que na realidade não existiram; mas, devemos lembrar-mo-nos de que é o primeiro livro n'aquelle genero, que defrontava com obstaculos phenomenaes.

E' notavel a sagacidade de du Perron servindo-se da convivência com os Destours, ou padres persas para assim poder apresentar a traducção do Avesta.

(2) Natural de Copenhaghe viajou pela Asia Menor, Baktriana India e publicou uma magnifica colleção de manuscritos, que actualmente adorna a bibliotheca real de Copenhaghe.

Burnouf, por vezes, exaggera a sua auctoridade scientifica e avança affirmativas que de modo algum pode demonstrar. Este procedimento de Burnouf deu occasião a que o padre Mendive na sua refutação de Drapper, referindo-se a uma obra de Burnouf, dissesse: «en un libro (*La Science des Religions*) lleno de falsedades...». De Harlez, na *Controverse*, (2.º an., n.º 26, pag. 592) diz do mesmo livro de Burnouf o seguinte: «...un livre qui ne devrait plus être nommé, que l'on devrait repousser du doigt sans l'ouvrir, si l'on tenait réellement à l'honneur de la science».

Spiegel (Frederico), protegido pelo governo bavaro, destinou-se ao Orientalismo e publicou, juntamente com o original, a versão pehlvi e allemã do Vendidad, primeira parte do Avesta.

Ayuso, attendendo aos materiaes de que dispunha Spiegel e aos meios de que podia utilizar-se, pois era protegido pelo governo bavaro, diz que os trabalhos d'elle são destituidos de acerto e são criterio.

Foi o professor Westergaard, de Copenhaghe, d'uma probidade scientifica incontestavel, como alguém diz, quem concluiu as versões do Zend-Avesta. Encontra-se uma noticia historica sobre Spiegel em Ayuso; a sua escola tem como unicos representantes Fernando Justi e o polaco Kossowitz.

Mais notavel que todos estes se apresenta, desde 1860, o professor de Munich, Haug, o sempre afamado mestre de Jolly e Huebschmann.

Professor em Bonn, começou Haug por traduzir os hymnos Gáthás, o monumento persa que maior numero de difficuldades offerrece, publicando esse trabalho na *Revista da Sociedade Asiatica Allemã* redigida e dirigida, n'esse tempo, por Brockhaus, que recebeu o novel escriptor Haug com os maiores signaes de sympathia.

Auxiliado por Enrique Ewald pôde Haug em 1858 terminar o estudo analytico-critico dos hymnos de Zarathustra.

Apresentamos, como nota curiosa e de bastante interesse, o caminho seguido por Haug nos seus trabalhos. Servindo-se dos materiaes de Brockhaus sobre *Vendidad Sâdê*, formou uma lista de todos os nomes do Avesta com a designação

dos logares em que se encontravam. Comparando as phrases em que se deparavam esses nomes, chegou a traduzir rigorosamente uns termos e a assentar a significação problematica d'outros, servindo-se muito da lingua original dos Vedas, do antigo persa das inscripções cuneiformes—o parsi, e do armeniano.

Encontrando um decidido Mecenaz na pessoa do barão de Bunsen, pôde transportar-se a Pariz onde estudou os magnificos documentos que jazem na Bibliotheca Imperial e a versão do *Zend-Avesta* chamada *Neriosengh* e que data do seculo 8.º e 9.º; permaneceu por seis annos na patria de Kalidassa e dos richis, onde se entregou ao estudo das tradições populares.

Em Puna publicou os *Essays on the sacred language, writings and religion of the parsees*, traduziu o *Aitareya Brahmanam*, deu á luz o *Ardâ Virâf* e apresentou ao mundo sabio o *Nosk*, chamado *Hudôkht*.

Com estes cultores da litteratura e philosophia oriental e muitos outros auctores, que seria longo enumerar, principalmente da feracissima Allemanha, onde—parece—foram escondidas as claves dos enigmas antigos—tão prodigiosas descobertas orientaes os philosophos d'além Rheno tem realisado!—os mysterios da civilisação persa e suas congengeres ir-se-hão desvanecendo pouco a pouco.

E' para lamentar que, enquanto na Hespanha José Antonio Conde, Alcántera, Moreno Nieto, Simonet e Garcia Blanco cultivaram decididamente o Orientalismo, em Portugal esse estudo esteja completamente olvidado. Talvez que a adjudicação do curso de hebreu ao Curso Superior de Letras de Lisboa, inicie o estudo das linguas orientaes em Portugal (1).

Assim, analysamos muito rapidamente a evolução de cada uma das sciencias hypotheticas; se bem que essas sciencias

(1) Existe, é verdade, o curso de hebreu annexo á faculdade de theologia. A sua frequencia, porém, é diminutissima.

cias possuem um certo numero de verdades estabelecidas, todavia estão mui longe de attingir um estado superior de veracidade que seria muito para desejar.

E' muito importante termos presente estas considerações, relativas ao caracter puramente hypothetico das sciencias orientaes, para não considerarmos affirmações dogmaticas e infalíveis as que são apresentadas pelos seus principaes representantes.

A prova mais cabal da consideração que avançamos, á primeira vista arrojada, é o estado de desintelligencia em que se encontram os orientalistas mais importantes. Se Harlez é um orientalista de reconhecido merito, a escola de Haug produziu fama europea, e, todavia, são estas duas auctoridades classicas do orientalismo, que se acham constantemente em contradicção flagrante. As doutrinas professadas na introdução á traducção do Avesta por Harlez são, regra geral, contrarias ás professadas por Haug e Ayuso, o seu mais importante discipulo. Em todo o nosso estudo para a elaboração d'este trabalho, não encontramos dous orientalistas que perfilhassem as mesmas doutrinas, que afinassem pelo mesmo diapasão. Viamos por um lado auctores de incontestavel reputação perfilharem doutrinas anti-christans e, ao contrario, Harlez e seus sectarios apregoarem a harmonia das sciencias orientaes com o christianismo. Isto constitue uma grande difficuldade, sobretudo para quem, como nós, das linguas orientaes simplesmente possui os rudimentos do hebreu chaldeu e egypciaco.

Para procedermos logicamente, adoptaremos o seguinte programma:

Principalmente emittiremos a nossa opinião sobre o valor das sciencias orientaes, em seguida referir-nos-hemos ás trindades platonica, indiana, persa, egypciaca, chinesa e romana. Depois de termos certificado a existencia de diversas semelhanças, explicital-as-hemos pelo tradicionalismo no seu sentido mais amplo.

(Continúa).

D. ABADE LEARDEN.

NO PERIGO

Impavidum ferient ruinae.

HORACIO.

Era mister ao lança em construcção,
alçar o rudo bloco. O cabrestante
range e morôso eleva esse gigante,
bruto e immovel, ha pouco, sobre o chão!

E, entre o clamôr da faina e do commando,
quem no estranho perigo então cogita?!
—Arriba... arriba!—é quanto d'essa grita,
pode entender-se só, de quando em quando.

E ellas, as duas, entre a turba multa,
que, da rua, a manobra contemplava,
iam rompendo. Ás tristes que importava
o rhodio esforço, a formidavel luta?!

Como as aves erguendo o grão do eirado,
assim andam as santas recolhendo.
Pelo enfermo lidando e padecendo,
é-lhes enlevo e gloria, o seu cuidado!

Tranquillo e pallido, o modesto rosto,
o rosario pendente das cinturas,
quem é que nunca as dôces creaturas
saudou na rua, com respeito e gôsto?!...

N'isto um dos cabos cede... estala... rende...
O pavôr vence a todos de improviso...
Brada e remoinha a turba já sem siso...
E a rocha a desabar... ameaça... pendende...

Rue, alfin, o colosso entre alaridos!
 Cala profundamente na calçada!
 Tudo estremece, como em derrocada!
 Eccos distante, são repercutidos!...

E uma d'ellas que, ao brado estrepitante,
 mal e por pouco á morte refugiu,
 olhou, medindo a lapida... sorriu,
 e... sem queixumes, proseguiu ávante!...

MATTOS FERREIRA,

prior em Cintra.

UNIDADE DA ESPECIE HUMANA

O genero humano constituirá uma unica especie? será descendente d'um unico tronco?

E' esta uma questão importantissima em que se dividem as opiniões dos sabios: uns affirmam que a humanidade constitue uma unica especie e deriva d'um só tronco, outros, porém, affirmam que descende de varios troncos.

É um dogma que a humanidade descende d'um unico tronco que a torna solidaria no peccado original e na Redempção.

O primeiro ataque que foi dirigido contra este dogma foi vibrado por Isaac la Peyrère, official do exercito de Condé, nascido em Boreus em 1594.

Em 1655 publicou elle um livro em que compendiava a sua doutrina e se intitulava: *Systhema theologico fundado sobre a hypothese dos preadamitas*.

Segundo elle, os povos pagãos foram creados ao mesmo

tempo que as varias especies animaes, e Adão não foi o primeiro homem, mas sim o progenitor do povo judaico.

La Peyrère atacou o dogma adamico pelo respeito que tinha ao texto do Genesis; porém os philosophos do seculo XVIII, atacaram-no em nome da sciencia e da razão.

É d'esta epocha que data a escola polygenista.

Já por causa de questões sociaes e politicas se tem pretendido derrubar do seu inconeusso pedestal a dogma-adamico.

É sobretudo nos Estados-Unidos onde mais se tem debatido esta questão. Os esclavagistas e os negrophilos têm debatido seriamente se sim ou não deve haver a escravatura e os que a defendem, fundamentam a sua opinião em que a humanidade não constitue uma unica, mas sim varias especies.

Foi devido a esta causa que em 1844 M. Calhoun, ministro dos negocios estrangeiros, defendeu perante as representações da França e da Inglaterra as instituições do seu paiz, que permittiam a escravatura.

O polygenismo conta em suas fileiras homens de merecimento, como: Burmeister, Morton, Nott, Glidon, Agassiz, Broca, Carlos Fock, Mosillet, Bertignon, Hovellacque, Renan, Haeckel, Carus, Vogt, Oken, Giebel e um grande numero de medicos dedicados ao estudo do individuo, mas não da especie.

Porém o monogenismo conta homens de muito merecimento e em maior numero, como: Blumenbach, Owen, Theodoro Waitz, Buffon, Linnæu, Prichard, Cuvier, Steffens, Schubert, Rodolpho e André Wagner, von Bär, H. von Mayer, Burdach, Wilbrand, Flourens, Hug Miller, Sir John Herschel, Leyeil, Huxley, Maller, Blainville, os dous Geoffroy, Humboldt, Lamark, Emilio Ferriere, Quatrefages, Langlebert, etc., muitos dos quaes em materia religiosa são indifferentes e livres pensadores.

O grande sabio Quatrefages sustenta com todo o ardor a unidade da especie humana e é fundando-se n'ella que elle

admitte na natureza o reino hominal. A classificação que dá é a seguinte:

		IMPERIOS	REINOS	PHENOMENOS	CAUSAS
CONJUNTO DOS SERES	Inorganico (Pallas)	Sideral (Condolle)		Phenomenos de movimento kepleriano.	Gravitação.
				Phenomenos de movimento kepleriano.	
		Mineral (Linneu)		Phenomenos physico-chimicos.	Gravitação. Etherodynamia.
				Phenomenos de movimento kepleriano.	
				Phenomenos physico-chimicos.	
	Organico (Pallas)	Vegetal (Linneu)		Phenomenos vitaes.	Gravitação. Etherodynamia. Vida.
				Phenomenos de movimento kepleriano.	
		Animal (Linneu)		Phenomenos physico-chimicos.	Gravitação. Etherodynamia. Vida. Alma animal.
				Phenomenos vitaes.	
				Phenomenos de movimento voluntario.	
Hominal (Quatrefages)		Phenomenos de movimento kepleriano.	Gravitação. Etherodynamia. Vida. Alma animal. Alma humana.		
		Phenomenos physico-chimicos.			
		Phenomenos vitaes.			
		Phenomenos de movimento voluntario.			
				Phenomenos de moralidade e religiosidade.	

Admitte esta opinião, que é meramente sua, e todo o homem de sciencia a deve admittir em face do abyssmo insondavel que separa o reino animal do hominal,—a alma humana—que dá origem a todos os phenomenos de moralidade e religiosidade que nenhum dos outros seres tem. Considerando o homem como um ser meramente corporeo, concordo em que o colloquemos no reino animal, mas elle além do corpo tem alma racional, é um ser mixto e como tal deve estar collocado n'um reino á parte.

Além d'isso, tem caracteres fundamentaes que o distinguem de todos os outros animaes, o que prova que o homem não é descendente dos anthropoides, e caracteres especiaes que se encontram em todos os homens das diversas raças hu-

manas; o que vem provar que a humanidade constitue uma só especie que se divide em varias raças. Vejamos:

I—Em todas as raças se encontra a mesma estrutura anatomica, a mesma duração média para a vida, a mesma disposição para a doença, a mesma temperatura media do corpo, a mesma velocidade media nas pulsações, a mesma media de estatura, etc. Isto prova que as raças humanas constituem uma só especie, pois que tal conformidade não se dá senão nas variedades da mesma especie e nunca entre as especies do mesmo genero.

II—A pelle.

Observando ao microscopio a pelle das raças humanas, vemos que a sua constituição é a mesma em todos os homens. Divide-se em 3 camadas principaes que são: *a epiderme, o corpo mucoso de Malpighi e a derma.*

No corpo mucoso ha uma camada de cellulas que contém um liquido que dá a cor ás raças. Este liquido pôde ser de côres diversas e chama-se *pigmentum*. A diversidade de cor da pelle poderá ser um caracteristico fundamental para a diversidade de especies?

Não, porque:

- 1.º Nós encontramos a mesma diversidade de cor, que encontramos no homem, nas especies animaes: assim na especie—*gallinha*—, encontramos gallinhas com a pelle branca, gallinhas com a pelle amarella (originarias da Cochinchina), gallinhas com a pelle negra (no Japão, em Java, na Suissa, na Martinica, etc.), e comtudo esta divergencia de cor da pelle não faz com que ellas constituam especies differentes: constituem, pelo contrario, uma unica especie. O mesmo acontece com os cães e cavallo. Não se admittindo que estes animaes, n'este caso, constituam varias especies, porventura ha-de admitir-se para a humanidade?
- 2.º Nós observamos um facto muito importante que vem mostrar que a differença de cor não pôde ser argumento decisivo para a distincção da especie. Eil-o: se transpor-

farmos um preto da zona torrida para o norte da Russia, veremos que elle dentro em pouco começa a tornar-se claro e se, pelo contrario, transportarmos um branco para a zona torrida, veremos que elle se torna preto. D'onde se vê que a côr nada prova.

- 3.º A introdução de substancias chimicas no organismo pôde produzir uma variação de côr, como por exemplo o azotato de prata que produz a côr negra. O mesmo acontece entre os seres animaes como muito bem o provou Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire.

De tudo isto se conclue que a côr da pelle não pôde ser considerada como distinctivo das especies.

III—Cabellos.

Poderão os cabellos constituir um character distinctivo das especies?

Tambem não:

- 1.º porque a constituição anatomica do cabello é a mesma em todos os homens, embora o cabelo do preto pareça lã.
- 2.º Todos os homens no momento do nascimento teem o cabelo completamente liso, a pelle branca, e sómente passado algum tempo é que o cabelo se encarapinha e muda de côr.
- 3.º A abundancia de cabelo nas raças humanas é sempre proporcional ao meio em que vivem; o mesmo se dá nos animaes, sem excepção.
- 4.º A quantidade do cabelo differe, mas nunca falta de todo, ao corpo humano.
- 5.º A fôrma e a côr do cabelo, muda bem depressa, não só em consequencia da mistura das raças, mas tambem em consequencia de alguma mudança no modo de viver (1).

(1) O polygenista Burmeister é quem o afirma.

Portanto este argumento nada prova contra a unidade da especie humana.

IV—O esqueleto.

O esqueleto do homem não pôde ser um caracteristico distinctivo da especie, porque:

- 1.º a constituição ossea do esqueleto é a mesma em todas as raças humanas.
- 2.º o numero dos ossos é o mesmo em todos os individuos; em muito poucos casos é que apparece uma vertebra cervical a mais (1), o que se pôde considerar como uma anomalia.
- 3.º a espessura do craneo do preto comparada com a do branco, não faz differença d'um millimetro, o que por tanto nada prova.
- 4.º a configuração do esqueleto das varias raças humanas é a mesma em todas; todos os esqueletos humanos tem a posição vertical.
- 5.º a media da capacidade do craneo do preto é menor que a do branco; mas este obstaculo desaparece desde o momento em que attendamos a que ha pretos cujo craneo tem tanta capacidade como o d'um branco cuja capacidade é a maior, e vice-versa.
- 6.º Blumenbach diz que ha menos differença entre a cabeça d'um preto e d'um branco, do que:
 - a) entre a cabeça d'um javali e a d'um porco.
 - b) entre as cabeças d'um bull-dog e do perdigueiro.
 - c) entre as cabeças dos bois Durham e Guato.
 - d) entre a cabeça de duas cobras, que umas vezes são convexas, outras concavas.
 - e) entre as cabeças de dous pombos, pombo ordinario e pombo com poupa.
- 7.º ha muito menos differença entre um craneo d'um branco e d'um preto do que entre dois craneos de dois animaes da mesma especie.

(1) Emilio Ferriere—Le Darwinisme.

8.º o angulo facial do branco, cuja media é 80.º, faz muito pouca differença do do preto, cuja media é 70.º desde o momento em que attendamos a que ha pretos cujo angulo facial mede 80.º e mais, e brancos cujo angulo facial mede menos de 70.º

É este portanto um argumento importantissimo para provar a unidade da especie humana.

(*Continúa.*)

Coimbra, 8-7-92.

JOSÉ PEREIRA DA COSTA.

O ANJO DO LAR

A MINHA ESPOSA

D. Delfina Roza d'Oliveira Cardoso

Em 29 de Abril

Que vezes, muza minha tão amada,
 Por ti outr'ora com ardor clamei,
 A lyra sobraçando destemperada
 Em cujas cordas frouxas dedilhei,
 Alegre decantando esta alvorada
 Que sempre tanto amei.

Quantas flôres, meu Deus, pedi aos prados,
 Quantas preces aos corações insontes,
 Quantas meiguices aos cantores alados,
 Quanto brilho ao sol, murmurio ás fontes !

.
 E a natureza vestiu, com seus cuidados,
 De relva os altos montes.

Não fôra a historia patria quem me dera
 Em seus annaes dedicaçãõ ao dia
 Que factos numerosos lhe merecera ;
 Cousa alguma a intençãõ me demovia
 Porque acima de tudo eu só quizera
 Enlevos de poesia,

P'ra consagrar á minha estrella querida.
 E assim commemorando a vez primeira
 Que n'este mundo appareceu luzida,
 Jurei-lhe com voz firme e verdadeira
 Que inda seria minha estremecida
 Na hora postimeira.

* * *

No mesmo dia, natal seu formoso,
 Sacro hymneu nosso destino unira,
 E desde entãõ aquel'viver saudoso,
 Que longamente o coraçãõ nos ferira.

Tornou-se em fonte perennal de affectos,
 Ternas blandicias, devotado amor....
 Oh ! são por nós estes affares erectos,
 Porém ó Deus o principal fautor.

Celere o tempo decorreu d'um anno
 E tudo ainda, como entãõ, nos diz
 Que ha-de o futuro em seu profundo arcano
 Assegurar-nos um viver feliz.

O' hemditosa, encantadora data,
 Como o saudar-te com fervor me apraz !...
 Porque a memoria me sorris tão grata,
 Inolvidavel para mim serás.

Braga — 1892.

ALBANO BELLINO.

UM INFELIZ

(A' memoria do meu saudoso avô)

Sabei, caros leitores, que o que ides lèr me foi contado na noite de Natal por meu avô, um santinho, incapaz de mentir.

Crêde, pois, o factó como verdadeiro.

Estavamos sentados á lareira; nós umas creançinhas; elle um velhinho, muito sympathico com as suas barbas brancas, tão brancas que pareciam de neve.

Contou-nos muitas *historias* alegres, que nos faziam rir, como alegre e risonho estava elle, sempre que nos via a seu lado.

Quando, porem, já crepitava uma só acha, que apenas despedia tibios clarões, de repente sem o esperarmos, annuviou-se-lhe o rosto, espetou a vista, esgaseada, nas brázas que se iam apagando n'uma lenta decrescencia de luz, e com voz um pouco soturna, como sahida do mais recondito da alma, fallou-nos assim:

«Meus netinhos, já me vou abeirando muito do tumulo, já sinto perto os passos da morte, e eu não quero morrer sem vos incitar á pratica da virtude, sem vos apontar o caminho a seguir cá em baixo, na terra. Escutae.»

As lagrimas corriam-nos em fio.

Nunca nos falara assim!

Uma noite, noite tempestuosissima, de raios e de trovões, ouvi que com violencia me batiam á porta.

Sobresaltado, perguntei, levantando um pouco a janella, o que pretendiam de mim, áquelle hora tão adeantada e por uma noite tão medonha.

Venha, venha sem demora ao sr. Reitor, me respondeu um vulto, embaçado, com tremuras na voz.

Fui, e á porta do presbyterio encontrei o sr. Reitor,

sobraçando a batina, empunhando o guarda-chuva, muito grande e muito forte, de varas de baleia.

Compreendi que se tratava da confissão d'algum moribundo, e que na qualidade de sacristão tinha de o acompanhar.

Posemo-nos a caminho, erguendo e apertando bem a golla dos capotes, porque o vento soprava de rijo, e a chuva, em grossas cordas, fustigava-nos o rosto.

O caminho era cheio de profundos algares rasgados pelas enxurradas, mas o quasi continuo fusilar dos relampagos fazia que os evitassemos.

Após longa e perigosa caminhada, chegamos.

E' aqui, diz o sr. Reitor.

Tinhamos na nossa frente um soberbo palacete, com jardins aos lados, e nos jardins estatuetas, de marmore, talvez.

Entramos sem detença. Eramos esperados com impaciencia.

Uma senhora ainda nova, com vestidos de seda, roçagantes, de cauda comprida, estendeu a mão ao sr. Reitor e levou-o, atravez d'um corredor, lá para longe, bastante longe.

Eu fiquei á espera n'uma sala debilmente alumuada.

Os creados, vestidos de libré com botões amarellos e vivos azues, perpassavam por deante de mim, muito ligeiros e muito silenciosos.

Tive calafrios. Seriam de medo? não sei.

Aquella casa tão triste e tão escura parecia-me a mansão do Terror. E as horas corriam, e o sr. Reitor não voltava!

Receei por elle, tão bom, d'um coração a trasbordar doçura.

Tentei pedir soccorro, gritar muito alto, até virem ao meu appello. Não o fiz.

Ouvi soluços que pareciam o quebrar das cordas d'um coração exulcerado pela maior desgraça.

Aquelles soluços só os da mãe ao divisar na frente da creancinha, que geme no berço, o pallor da morte, que chega; só os da esposa ao ver do rochedo da praia o marido

que lhe envia nas azas do vento o ultimo beijo, o ultimo porque o naufragio é imminente e certo.

Ouvi soluços, gemidos e ais; era um pranto desfeito.

—Que haverá? monologuei.

Quiz ir por aquelle corredor adeante, indagar, saber o que se passava, prestar auxilio ao sr. Reitor, se preciso lhe fosse.

Alguns passos tinha dado, quando ouvi a distancia o *frou-frou* de sedas.

Erao sr. Reitor que chegava acompanhado da dama ainda nova, com vestidos de seda, roçagantes, de cauda comprida.

Apertaram-se as mãos em silencio, e saímos.

Cá fóra, já a caminho, o sr. Reitor, muito commovido, fallou-me assim: «Amigo, dolorosos me foram os momentos passados n'aquella casa. Um infeliz debate-se nos paroxismos da morte, tem na alma as fistulas que abre o vicio, e rejeita o balsamo que a Religião dá—não quer que lh'as cicatrize. Desgraçado! Contorce-se, agita-se exasperado pelas dores que o crucifam, e não deixa que lh'as mitigue com os rocios da caridade christã!

Gastou-se nos prazeres, alquebrou-se nos divertimentos, bebeu muito, muito veneno, e tem a alma gangrenada, insensivel a tudo o que é santo e puro.

E a esposa, muito terna e muito virtuosa, chora lagrimas amarissimas em que parece virem diluidas as fibras do seu coração.

Como era fervorosa a orar pela conversão do marido, ajoelhada em frente d'um crucifixo!

O seu rosto parecia aluniado por luz divina.

Então as lagrimas humedeceram-me as faces.

Chorei ao ver tamanha dôr.

Mais uma vez ainda tentei a conversão do moribundo. Embalde! Não me ouvia. Avisinhava-se o momento fatal.

Retirei-me, e uma barra de ferro a pesar-me sobre o coração.

Agora vamos, vamos, querido amigo, orar por aquella alma».

E separamo-nos.

Ao outro dia soube que o fidalgo tinha morrido, estorcendo-se com soffrimentos horriveis.

Infeliz! Que Deus se amereie d'elle.

Meu avô ficou em extasis. Órava. E nós miravamol-o, muito tristes, com lagrimas a bailarem-nos nos olhos.

Depois, após alguns momentos, olhou para nós com o seu olhar tão meigo, e disse-nos com a sua voz tão doce: «Lembrae-vos sempre d'isto, meus netinhos.

Não vos deixeis morder pelo aspide do vicio. Fazei que o vosso coração seja repositório da virtude.

Sêde bons.» E beijou-nos a chorar.

Se elle era tão bom!

Cerveira.

HENRIQUE GOMES.

INFLUENCIA SOCIAL DO CULTO À SS. VIRGEM (1)

Tota pelehra es Maria!

É's a formosura immaculada oh Virgem sublime!

I

Meus Senhores:

Quanto mais de perto contemplo esta grandiosa epopéa da humanidade que se chama — o christianismo —, mais me enthusiasma a sua belleza singular, mais me surprehende a correecção primorosa do seu perfil divino.

O christianismo é qual montanha de diamante cortada em myriades de facetas, de cada uma das quaes chispam mais vivas e mais intensas as irradiações da Divindade; em cada uma das suas verdades, luzem, affirmam-se, estadeam-se eloquentíssimas, as provas da sua origem eclica.

(1) Fragmentos d'um sermão proferido em junho de 1890, na matriz da freguezia de Villa-Verde, concelho de Felgueiras.

Toda essa pulcherrima Illiada que vae desde o augusto mysterio da SS. Trindade, até aos dulcissimos ensinamentos do Sermão da Montanha, desde a grinalda perfumada das virtudes moraes, até á fulgida constellação dos artigos do credo, desde Jesus no templo disputando entre os doutores da lei, até Jesus no Golgotha agonisando por amor dos homens; toda essa pulcherrima Illiada que brotou das caligens tenebrosas do paganismo, como das entranhas da treva nocturna surgem as fulgurações doiradas da aurora; toda essa pulcherrima Illiada religiosa, é um immenso crystal polido, onde se espelha e refracta a sabedoria infinita do Creador.

Vêde como essa infinita sabedoria se evidencia na perpetua e absoluta consonancia entre as exigencias da natureza humana e as instituições e preceitos da religião! Vêde como ella se nos apossa da alma para a elevar até ao seio de Deus, guiando a intelligencia pela via lactea da fé e o coração pela senda estrellada do amor!

*
* *
*

O homem é uma intelligencia de pupilla sempre fixada na vastidão do Incognito. Indaga, prescruta, avança, arroja-se: amplifica e rasga os precintos do horisonte, desnuda e fende a entranha dos enigmas, desdobra as azas do genio, eleva-se até ás regiões firmamentadas da verdade. Foi por isso que Jesus deu como pabulo e refrigerio a essa ancia aguilina da nossa razão, um conjuncto de dogmas e de mysterios, que a farolisam e norteiam. Mas se o homem é uma intelligencia que busca a verdade, é tambem um coração que busca o amor.

O coração colorifica a sociedade e emparadisa a vida; dá-lhe matiz, graça e perfume; nobilita-a, sanctifica-a, angelisa-a. O coração funda a familia, alicerecia a nação e fraternisa a humanidade. O coração.—urna mysteriosa que derrama o nardo precioso da caridade, gaze subtil que se desdobra por sobre os infelizes—, é metade da alma humana. E' uma

tendencia incoercível para o bem e para o amor, como a intelligencia é uma tendencia irreprimível para a verdade e para o incognito; por isso Jesus, creando uma religião, devia accudir a esta sêde tantalica d'amor que nos está no peito.

E accudiu, M. S.; sabeis como?—Propondo á nossa fé e ao nosso culto, a SS. Virgem—symbolo immaculado de todo o amor e de toda a affectividade—.

Na verdade, a SS. Virgem está para o christianismo como o sol para o mundo planetario. Sem Ella, seriam menos bellas as verdades da nossa fé, mais ermos os templos, menos luzido o culto, menos ricas e brillhantes as festas. Sem a SS. Virgem não haveria na nossa religião esse grato nimbo de poesia que nos enleva, nem esses effluvios doces, que refrangem e suavizam os reverberos demasiado vivos e ardentes do Infinito.

A SS. Virgem cujo coração é a urna celica onde cabem todos os grandes affectos e cujo espirito é um templo divino estrellado de todas as virtudes, corresponde portanto a uma inclinação nativa do espirito humano.

E' o ideal do coração.

II

Meus Senhores:

Entre os grandes factos historicos de que a humanidade justamente se ufana e envaidece, não ha um só depois de Jesus, que possa equiparar-se a este fulgurantissimo astro do christianismo, que é a SS. Virgem. Nada; nem o verbo ardente de Demosthenes rompendo em catadupas de eloquencia, nem a lyra resonante d'Homero subtilizando a fidalga alma hellenica nos seus canticos divinos, nem o engenho real de Platão—o Divino—alando-se para as regiões serenas onde a verdade se alcandóra, nem o valor imperterrito de Leonidas—o martyr do amor da patria—, nem a espada fulminante de Alexandre voando á conquista do Universo, nem a magnitude colossal da rainha do Tibre, agrihoando vencidos, aos pés de seus legionarios, os potentados

do mundo inteiro, nem a audacia palpitante da renascença não desfrutando jámais a estrella matinal da liberdade; nem as conquistas gigantescas da civilisação moderna, que parecem deitar por terra todas as columnas d'Hercules que tentem reprimir o continuo evoluer-se do genio humano. Nada ha na historia--soberba galeria pantheonica de tudo quanto é grande—que possa comparar-se á SS. Virgem como factor do progresso. Ella ultrapassa a craveira de tudo quanto é humano. Amplifica-se, sublima-se, até ás espheras da perfeição summa. Desenha-se-nos na mente como uma subtil vaporisação rosea, que se eleva para o seio da Divindade por entre um nimbo glorioso de virtudes scintillado d'anjos.

Por isso, M. S.; quando eu me quedo a fital-a no seu perfil divinal, conveço-me de que é baldado intento querer fixal-a na objectiva da nossa intelligencia, ou ductilisal-a nos moldes imperfeitos da palavra. Não, não ha palavra humana que photographie tal vulto, seja ella arrebatadora e sentida como um hymno de Santo Ambrozio, seja quente e trovejante como uma oração de Bossuet, seja opolenta e torrentuosa como um discurso de Castellar. Ella é incoercivel como o ether! intangivel como o ideal!

M. S.—Uma sociedade sem religião e sem moral é como um navio desarvorado em meio de caliginosa cerração; é uma sociedade impossivel. Religião e moral são dois os polos do mundo; são os dois plinthos basilares sobre os quaes se firma a familia e a familia, demais o sabcis, é o clencho da humanidade. O homem irreligioso, se não for uma anomalia, vergará necessariamente sob o peso incomportavel dos instinctos que convergem nativamente para o mal; será a crysalida d'onde logo surgirá o homem immoral,—o gusano do organismo social—. Portanto tem efficaz e profunda influição na moralisação e progresso dos povos tudo quanto tenda a acrysolar o sentimento religioso e a propagar a luz bendita da erença.

Mas, M. S.: eu não encontro nada nem dentro nem fóra da theogonia orthodoxa, que mais piedade infunda, mais enraize e afervóre a fé, e que mais nos convide á oração, do

que essa mulher phenomenal e divina que o proprio Deus quiz que fosse sua Mãe.

Ella a plebêa de sangue real, a Virgem immaculada como um raio de sol, a mãe amantissima dos homens, cuja fronte se engrinalda com as rosas perfumadas de todas as virtudes, como as cumiadas alpinas se diademam de neves alvissimas, de cujas mãos fluem torrentes de graças, como da pupilla accesa d'um astro fluem torrentes de luz, é um apostolado ingente que nos attrahe ao templo, e nos fascina e nos commove, e nos faz ajoelhar deante de seus altares e nos faz proromper em preces e hymnos vivrantes de sentimento e de fé.

Ella é o genio bom do christianismo, o vinculo d'união entre o céu e a terra e o esteio adamantino da piedade popular. O seu manto azul como a esperança, distende-se por sobre a humanidade e o seu coração, immenso como o amor, balsamisa todos os soffrimentos.

Por isso, este nosso seculo tão vaidoso da sua civilização e de seus nobres ideaes generosos, tão singularmente fecundo e tão seductoramente bello, devia prostrar-se deante da Immaculada, e dizer-lhe reconhecido:—Eu que encarno o genio ardente da civilização, eu, o Titan do progresso, que disponho da electricidade e do vapor, do aereostato e do telescopio, da photographia e da imprensa, eu, que creci as industrias e fomentei o commercio e valorisei o solo e fraternisei os povos e farolisei os portos e policiei os mares e medi as espheras e illuminei o mundo, eu, o seculo omnipotente, gigante, audaz, saúdo em ti, oh Virgem bendita, a minha mais prodigiosa eollaboradora! Enquanto eu pulo a materia, e lhe arranco segredos nunca sonhados, tu fomentas a religião; e assim, educas os espiritos, exemplificas as virtudes, persegues os vicios, despovoas as cadeias, e esperanças os infelizes, fulminas a anarchia e apostolisas a ordem. Salve! oh Virgem! tu és a geradora inicial da civilização porque alevantas o nivel moral, enquanto eu apenas accelero o progresso material!...

Mas não, este nosso seculo, glorioso avassalador da materia, não saúdo a SS. Virgem, porque se julga bastantemente

Hercules para dispensar o sentimento religioso e atirar com as mais formosas crenças para o saguão dos mythos. São os pés de barro do colosso aureo...

III

Meus Senhores:

Mostrei-vos, que a SS. Virgem propulsa e accelera e desenvolve a civilização, porque fomenta e radica o sentimento religioso, que é a pedra angular de toda a sociedade bem constituída.

Farei agora algumas considerações attinentes a demonstrar que a SS. Virgem, desde que Jesus, ao agonisar no Golgotha, disse—*mulher eis ahi teu filho*—, sentindo-se investida na grata missão de mãe dos homens, tem entornado sobre nós a urna inexgotavel do seu amor.

Eu não quero nem posso desdobrar diante de vós o estendal immenso dos beneficios de Maria; mais facil me seria numerar as perolas d'orvalho que cahem no relvedo dos prados, ou contar os soes condensados nas lacteas nebulosas que flocam o velamen do espaço. Por isso, lembro apenas um exemplo entre muitos:

Era nos primordios do seculo 13.º: o sul da França, ardente como os paizes meridionaes, agitava-se n'uma conflagração temerosa. Rebentara a heresia dos albigenses, uma das mais violentas tempestades religiosas que têm sacudido a rocha inamovivel da Igreja. O incendio propagava-se, alastrava-se, expandia-se. O estandarte da revolta erguido como uma blasphemia contra Deus e contra a patria, palpitava a todos os ventos, triumphante e seductor. Havia n'aquelle grito de sedição a enganosa miragem das coisas novas e de todas as classes sociaes afluíam n'uma allucinação doida, delirante, adeptos aos milhares.

Mas eis que surge um anjo exterminador ante o qual teve de abater-se o guião rubro da revolta. Tinha uma força mysteriosa que o animava: era a SS. Virgem. Tinha uma espada flamejante: era a palavra.

De feito, S. Domingos de Gusmão, inflammado pelo culto do Rosario, soube condensar em si a energia e o fogo de todos os tribunos. Os seus discursos esmagavam, aturdiam. Era a um tempo cortante como uma lamina toledana e sublime como os tercetos de Dante. E assim a SS. Virgem, fazendo vergar uma heresia poderosa á simples voz d'um frade, confirmou a sua influencia benefica nos fastos da Egreja. E que diria eu da assombrosa victoria de Lepanto que salvou a Europa da mais funesta catastrophe que pode conceber-se? Que diria eu de tantissimos factos memorandos de que estão refartas as paginas da historia e que são outros tantos padrões immorredoiros de amor solícito com que a SS. Virgem nos protege?

Mas, M. S.; eu não necessito de estar a averbar factos singulares que afestoam a historia, quando tenho á mão essa prova luminosa como a evidencia, que se chama:—o consenso unanime—.

Devéras! se Maria não nos ama, não comprehendendo então porque é que ella tem altares em todos os templos e preces fervorosas em todos os corações e festas magnificas em todas as liturgias. Não sei então o que significam tantas e tão eloquentes devoções espalhadas por todo o orbe catholico. Não sei bem a razão de ser de tantos livros escriptos em sua honra e de tantos discursos pronunciados em seu elogio, nem tão pouco atino com o motivo de lhe serem consagrados tantos primores da architectura, da esculptura, da pintura, da musica e da poesia e porque é que todos os campanarios á hora melancolica do pôr do sol tocam ás Ave-Marias e todos nós recitamos o formosissimo hymno da Salvé-Rainha...

Oh! sim! esse culto sincero, luzido e magestoso, tão antigo como o christianismo, tão vasto como o mundo, esse côro immenso de fieis que se prostram diante dos altares da Immaculada, o prestigio incomparavel que a aureóla, a fé viva que desperta, o amor reconhecido que lhe votam 300 milhões de catholicos, tudo isso é uma prova clara de que a SS. Virgem nos ama.

Perdão! M. S.; eu tambem prescindindo do concenso unanime; tenho aqui mesmo, outra prova patente e triumphante: — é a vossa propria experiencia, é aquella imagem que vos é tão querida, é a piedade que viceja n'este templo, é esta festa, tão luzida e pomposa, é este concurso, tão numeroso, tão illustre, é a fé viva que em tudo aqui transparece, nos lumes dos altares, nas colgaduras do templo, nas nuvens d'incenso, nas notas do canto sacro, nos repiques festivos, e nas orações fervorosas que os vossos labios murmuram. Que esplendida devoção!

Se assim vos accreaes de Maria, se taes preitos lhe rendeis, se guardaes ainda na alma, intacto e puro o eserinio mystico do culto da Virgem, é porque ella effectivamente vos ama.

1890

P.^o ANTONIO HERMANO.

NOTAS E IMPRESSÕES

Teofilo Braga

O Snr. Dr. Teofilo Braga, de visita á officina de S. José, escreveu no livro dos visitantes:

«Na constituição do Christianismo foi o espirito associativo, antecedendo a influencia do dogma, que lhe deu a acção directa sobre a civilização moderna; e na grande crise moderna da revolução é ainda pela renovação d'esse espirito associativo, applicado á organização do trabalho, que continuará o seu universal influxo.»

Ha n'isto a reiteração d'um disparate e uma confissão valiosa. O insigne autor das «Lendas Christãs» embirra com os dogmas. Nem admira. Se não fora esse nervo admiravel da unidade catholica agrupar os crentes n'um só Credo, já ha muito a religião de Jesus se teria dissolvido, o que seria

muito grato á consciencia *positiva* do Dr. Teófilo. Ao menos confessa que o catholicismo foi e continúa a ser d'uma poderosa influencia social. Os labios dos impios têm d'estas intermittencias de sinceridade.

Ainda bem.

Novas aulas nos Seminarios

Fala-se da instituição de aulas de gymnastica e educação practica em alguns seminarios. É bom, mas podia ser melhor. Antes de qualquer outra, urge que nos seminarios haja aula de principios de physica, á qual convinha mesmo dar maior desenvolvimento do que tem nos Lyceus. A falta de taes principios, hoje extraordinariamente vulgarizados, deixa o clero na plana mais baixa das classes illustradas; deixa-o inerme em frente de qualquer argumentador de balcão, e obsta a que o estudo da theologia dogmatica possa ter uma orientação mais consentanea com as exigencias da epoca, e mais utilisavel practicamente, e portanto concorre para agravar o desprestigio do clero. Não comprehendo como se ha de estar a ministrar ao clero d'amanhã, aos homens a quem cumpre velar pela defeza da religião, uma educação litteraria estreita e por vezes ridicula. (Digo isto porque timbro de dizer o que sinto sem o menor reboço). Parecia-me mais acertado que aos seminaristas theologos se facultasse mais liberdade litteraria: que lessem jornaes de toda a ordem e de todas as côres, versassem toda a litteratura de controversia e mesmo romantica. Se o padre é hoje um homem de luta, que tem de estar sempre á barra, façam-no conhecer bem todas as posições e toda a estrategia do inimigo, senão claudicará na pugna. Um soldado não ha de educar-se como uma menina de collegio.

A reunião do clero em Braga

Esteve muito concorrida. Houve alguns poucos discursos em que se sentia o palpitar do enthusiasmo e o fervor da convicção. Entre elles salientou-se brillantemente o R.^{do}

Henrique Gomes, representante da «Crença & Letras», que verberou o procedimento illogico do clero que subsidia a imprensa athêa que o avilta, e despreza o jornalismo catholico que o defende.

Pondo mesmo de lado a importancia politica da reunião, é certo que vale muito como symptoma, como signal de que alfim o cadaver resurge e arrisca os primeiros passos, cambaleando sim, mas fixando a estrella d'uma grande e legitima esperanza.

Que o Senhor proteja o novo Lazaro!

O sr. Dias Ferreira assustado

Li algures, que o nobre presidente de ministros, liberal de mangas largas e parente chegado da esfarrapada gréy republicana, antes de ir ao leme da nau do Estado, se assustara um tudo-nada com o movimento do clero no Minho.

Ora a verdade é que o caso não vale tanto. O clero é peccato demais para tirar o somno a um primeiro ministro d'el-rei. Póde o preclarissimo jurisconsulto dormir descansado. Em quanto os Illustres Prelados que sam (deviam ser) a força primaria e os chefes natos do clero brilharém pela sua ausencia em tudo isto. . .

Não ha perigo Sr. Dias Ferreira.

É sempre bene!

Zola entupido

Credite posteri!

É verdade. As gazetas assim o contam.

Um padre desanichou do seu esconderijo o famoso esgravatador de monturos.

Foi o caso, que o nosso heroe, meditando mais um romance-escandalo sobre o facto de Lourdes, se misturou disfarçado, com os membros d'uma peregrinação que seguia para a maravilhosa cidade. Ia elle muito seguro do seu disfarce, deliciando alguns peregrinos com a viveza da sua con-

versa, quando se abeira um sacerdote, membro da Sociedade d'homens de letras e o cumprimenta pelo seu nome. Zola recúa estupefacto, mas, sem se atrever a negar a sua identidade, pergunta:

—Mas como me conhece o Sr.?

—Conheço-o porque V. é meu presidente, disse o padre.

E o romancista, vexado por tão inoportuno encontro, desapareceu no meio da multidão.

Em breve pois teremos mais uma peça a juntar á litteratura orgiastica do *sacerdos magnus* do realismo.

Go ahead!

«A União»

Damos as boas-vindas a este novo semanario catholico de Vianna, fundado e redigido pelo nosso distincto collaborador Abundio da Silva e Rv.º Zamith.

Bem redigido como se apresenta, e obedecendo ao pensamento expresso no titulo—a União Catholica—, pela qual todos temos o dever de lidar, e futuramos ao bem-nascido collega uma vida longa e prospera.

23 -8-92.

BRUNO D'ALMEIDA.

CARTAS D'UM IMPIO

Temos em nosso poder uma carta do Ex.º Sr. Rodrigo Moreno, que não podemos publicar hoje. Pedimos desculpa.

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

ANNO LECTIVO DE 1891 A 1892

(2.º DA EXISTENCIA D'ESTE COLLEGIO)

Pela presente estatística vê-se que o resultado dos exames foi simplesmente optimo. Quasi todos os alumnos matriculados requereram exame e foi pequenissima a percentagem de reprovações. E' esta a melhor prova da competencia do corpo docente e da boa organização disciplinar do Collegio.

Disciplinas	Professores internos	Frequentaram a aula	Requereram exame	Ficaram approvados *	Ficaram reprovaados	Distinctos
Elementar....	P.º Joaquim Machado P.º Hermano Amandio M. de C.	15	14**			
Admissão....	P.º Firmino A. da S. Bravo P.º Hermano Amandio	30	29	28	1	
Portuguez....	P.º Antonio Henrique Gomes P.º Domingos Dias de Faria	27	24	24		1
Francez.....	P.º J. J. da Silva Guimarães	28	24	22	2	
Geographia...	P.º Hermano Amandio	14	14	14		1
Inglez.....	P.º Antonio Hermano M. C.	14	13	12	1	
Historia....	P.º Antonio Henrique Gomes	13	12	8	4	1
Latim.....	P.º Julio Cezar da Costa Maia	12	12	11	1	
Mathematica .	P.º Domingos Dias de Faria	7	6	5	1	
Phisica....	P.º Firmino Freitas R. de Faria	5	5	4	1	
Philosophia..	P.º J. J. da Silva Guimarães	3	3	2	1	
Litteratura..	P.º Joaquim Machado	2	2	2		
Desenho....	P.º Firmino Freitas R. de Faria	11	11	11		
Musica.....	Manuel Maria Martinó	23				
Total		180	169	157	12	3

* Neste quadro só se incluem os alumnos que foram auctorisados pelo collegio a requerer e a entrar a exame.

** Estes alumnos passaram para a aula de admissão aos lyceus, para o que é dispensado o exame elemental.

Os professores são todos internos—a alimentação é boa e abundante—o local salubre e aprasivel—a annuidade 100\$000 rs.—ensinam-se os preparatorios necessarios para os cursos superiores—a frequencia no anno findo foi de 100 alumnos internos.

Mandam-se programmas a quem os pedir.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director — Collegio de S. Dámaso—Guimarães.

O Director,

P.º Domingos Dias de Faria.



GAZETILHA DO COLLEGIO DE S. DAMASO

(OFFERECIDA ÀS EX.^{mas} FAMILIAS DOS ALUMNOS D'ESTE COLLEGIO)

Meu caro M. C.

Não responderei á pergunta que fazes na gazetilha de Julho porque enfim, o caso daria muito que contar e não agradaria a todos; mas em compensação contar-te-hei pela rama uma

Historia engraçada.—A Direcção d'este Collegio lembrou-se de se offerecer a alguns cavalheiros de Amarante para fundar uma filial n'aquella villa. A noticia chegou ao conhecimento do D.^{mo} Director do Collegio de Santa Quitéria, que, pressuroso e assustado, correu aos pés dos ditos cavalheiros a pedir-lhes a preferencia e a offerecer-lhes com generosidade bysantina, tudo quanto pôde, inclusivè, a transferencia dos alumnos de instrucção se jun laria. Os amarantinos acceitaram, como era de ver, tão bizarro offerecimento, e, como amor com amor se paga, garantiram casa gratuita *et reliqua*. Mas eis que a bisbilhoiteira da fama logo vae contar tudo aos felgueirenses, que, sentindo-se lesados, começam a gritar á d'el-rei. Accode povo, organisa-se uma representação, e vae tudo, pessoas gradas e não gradas, á presença do preclaro Director, a pedir-lhe em nome de velhos beneficios, que permaneça n'aquella *bella colonia da França* e não creia nas promessas fallazes dos visinhos do Tamega. O D.^{mo} Director teve a habilidade e bom senso de responder *á franceza*, e o que é verdade, é que soube contentar os mais ingenuos. Mais tarde a *fama* sempre indiscreta, começou outra vez a mexericar que era certo, que sempre iam, e d'ahi novo alarme em Felgueiras, correspondencias para jornaes, morras ao Lyceu d'Amarante, etc.

Eu, se tivesse voz na promettedora questão, diria aos felgueirenses que não se affligissem e aos amarantinos que se acautelassem.

Hei de dizer-te mais umas coisas a este respeito em outra carta.

Principiam no dia 28 d'Agosto as ferias para os alumnos de francez e inglez.

Consta-me que a Direcção vae mandar preparar um *novo dormitorio* em vista da numerosa affluencia d'alumno:

Foi mandado imprimir um *opusculo* contendo minuçosamente o resultado dos exames em Outubro e Junho. Será distribuido aos assignantes da «Crença & Letras».

Como já sabes receberam ordens de presbytero os nossos presados professores, P.^o A. Henrique Gomes P.^o Joaquim Machado e P.^o Julio C. da Costa Maia.

Dou-te a boa nova de que imos ter uma estrada para Guimarães. Já não vem sem tempo. Realmente é uma obra de primeira necessidade; á Ex.^{mas} Camara corre o dever de a realisar sem delongas.

Até breve.

Abraça-te o teu muito affeiçãoado,

Ahmedec.